

CONSTRUÇÕES DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NO GÊNERO "FILMES DE SUPER-HERÓI"

Autora: Marina Blank Virgilio da Silva; Orientador: Adriano de Léon

Universidade Federal da Paraíba; e-mail: marina.blankvs@gmail.com

Resumo: A proposta deste trabalho é refletir sobre como se dá a construção (e desconstrução) de feminilidades e masculinidades nos filmes da Marvel Studios e DC Films. Parto do entendimento de cinema como manifestação e produto cultural com impacto social, com potencial de informar, criticar, reforçar e subverter modelos. Masculinidade e feminilidade são performances de gênero, culturalmente construídas, os filmes analisados também são elementos desta construção social de gênero. Combino elementos intrínsecos (código visual e narrativa) e extrínsecos (relações contextuais e críticas) na análise dos filmes-objetos. Super-heróis e super-heroínas são trabalhados aqui como dispositivos, a partir de uma conceitualização foucaultiana, que podem regular feminilidades e masculinidades, mobilizando discursos. Fissuras podem desmontar dispositivos, mas estes se remontam, mesmo que abarcando novos discursos, como o feminismo incorporado pela “cultura pop”. Até que ponto e por quais caminhos estas construções fílmicas evocam um modelo de masculinidade e um modelo de feminilidade cristalizados, compartilhados e formatados ou provocam abalos nestes modelos? Heroínas, como Mulher-Maravilha da DC, são personagens empoderadas e ícones feministas, e, ao mesmo tempo, objetificadas e sexualizadas, reforços de perspectivas machistas, possivelmente pelo contexto quase inteiramente masculino da indústria em que estão inseridas. Esta ambiguidade norteia diversas produções fílmicas aqui analisadas, uma contradição que desperta o interesse da pesquisa. São dispositivos que empoderam mulheres invertendo um modelo de feminilidade associado à fragilidade, mas são marcadas em suas construções como objeto e prazer visual, como, por exemplo, a Viúva Negra da Marvel.

Palavras-chave: Cinema, Feminilidades, Masculinidades, Super-heroína; Super-herói.

Introdução

A partir de uma conceitualização foucaultiana, super-heróis e super-heroínas são entendidos e entendidas como dispositivos que regulam masculinidades e feminilidades, mobilizando discursos e saberes através de filmes, histórias em quadrinhos e imagens. Dispositivo é algo que aciona. Mudanças de discursos alteram dispositivos, assim, fissuras podem desmontar dispositivos, mas estes se remontam, mesmo que abarcando novos discursos, como o feminismo incorporado pela “cultura pop”.

Penso aqui masculinidade e feminilidade como performance de gênero, que são culturalmente construídas. O cinema e as histórias em quadrinhos são manifestações e produtos culturais que têm potencial de informar, criticar, reforçar e subverter estas construções e modelos. A noção de

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

interseccionalidade (interação entre marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça, geração e classe) atravessa esta construção.

O objetivo geral desta pesquisa¹ é compreender em que medida as representações das super-heroínas e super-heróis subvertem ou reforçam o modelo tradicional de feminilidade e de masculinidade. Compreendendo também a relação entre história em quadrinhos/ filmes de super-herói e contextos históricos, locais e sociais e relacionando marcadores sociais da diferença na construção de representações e imaginários.

Marvel Entertainment e DC Entertainment

O Marvel Cinematic Universe (Universo Cinematográfico Marvel, MCU) é uma franquia de filmes e séries produzida pela Marvel Studios centrada no universo compartilhado de super-heróis e super-heroínas adaptados das revistas em quadrinhos do Universo Marvel, publicadas pela Marvel Comics, que foi fundada em 1939. O MCU foi estabelecido para cruzar elementos comuns dos enredos diversos. Tanto a *Studios* quanto a *Comics* pertencem à empresa Marvel Entertainment, que foi comprada pela Walt Disney Company, em 2009. Fazem parte da Marvel famosos heróis como Homem de Ferro, Capitão América, Thor, Pantera Negra, Viúva Negra, Quarteto Fantástico, Homem-Aranha e X-Men. DC Extended Universe (Universo Estendido da DC, DCEU) também é uma franquia de filmes, produzidos pela DC Films e distribuídos pela Warner Bros (empresa da qual é subsidiária). O DCEU é baseado em personagens da DC Comics, publicados desde 1934, como Super-Homem, Batman, Mulher-Maravilha e Flash. Apesar de ser mais antiga nos quadrinhos, no cinema a DC lançou o primeiro filme de seu universo compartilhado depois do estúdio concorrente.

A Marvel foi pioneira nas adaptações de suas HQs para o cinema de forma planejada a longo prazo, construindo personagens com mais profundidade e histórias coerentes entre si. A DC lançou primeiro um filme solo com uma heroína como protagonista, *Mulher-Maravilha*. A ausência de um filme solo de uma personagem como Viúva Negra, integrante de Os Vingadores, foi uma das maiores críticas recebidas pela Marvel, que só lançará um filme protagonizado por uma de suas heroínas em 2020, *Capitã Marvel*. O estúdio lançará em 2018 o primeiro filme solo com um protagonista negro, *Pantera Negra*. Nos quadrinhos, a empresa renovou sua linha editorial para alcançar o público jovem feminino e investe em novas heroínas e na recuperação de antigas, apostando em Jane Foster, que enfrenta um câncer

¹ Esta pesquisa de doutorado está em desenvolvimento, as discussões aqui apresentadas são apontamentos que ainda serão mais profundamente analisados após reflexões em campo e teóricas

enquanto é digna do martelo de Thor, Jéssica Jones, detetive com superforça que sofreu abuso psicológico, jovens como Miss Marvel, divertida e muçulmana e Ironheart, negra e uma das figuras mais inteligentes do universo Marvel. Enquanto a DC retoma a origem de personagens consolidadas sem grandes alterações, com os arcos Renascimento.



Imagem esq. Capa ed. 1 Invincible Iron Man, Riri é representada de forma sexualizada;
Imagem dir. Capa ed. 2 Invincible Iron Man, após repercussão negativa, Marvel altera linha editorial de construção da heroína²

² Ironheart é Riri Williams, primeira mulher afro-americana a usar a armadura do Homem de Ferro. A jovem brilhante de apenas 15 anos construiu sua própria armadura no campus da Universidade em que é estudante, MIT, Tony Stark a escolhe como “pupila”.



A quadrinista Renae de Liz, que escreveu e ilustrou o arco A lenda da Mulher-Maravilha, da DC Comics (lançado em 2016), publicou em seu perfil na rede social Facebook um comparativo de como as heroínas de quadrinhos *são* desenhadas e como *deveriam ser* para não serem sexualizadas³.

Metodologia, Resultados e Discussão

A proposta metodológica desta pesquisa busca percorrer o que podemos chamar de “circuito” do objeto. Iniciando com a análise da estrutura narrativa dos filmes do chamado gênero “cinema de super-herói” e as representações. Como os mitos, filmes são narrativas sociais, culturalmente construídas. O cinema não é exatamente reflexo da vida social, mas uma reelaboração a partir desta, um produto, como Menezes (1996) vai afirmar, “do imaginário para o imaginário”, dialeticamente constrói também feminilidades e masculinidades desta forma. A Sociologia, assim como a Antropologia, pode servir-se do cinema como espécie de cosmologia do mundo contemporâneo, que revela aspectos da vida e imaginário. Hollywood aparece aqui, então, como exportadora fílmica de circulação mundial, como no caso dos filmes do Universo Cinematográfico Marvel e Universo Expandido DC. Canevacci (1990) afirma que as novas condições histórico-sociais possibilitam a “penetração transcultural” do cinema, sendo consumido em nível mundial. O conceito de “indústria

³ Olhos semicerrados, lábio abertos (ou mordendo algo), dedos nos lábios. Muitas vezes estes detalhes de poses não são problematizados, o que faz refletir sobre o quanto a imagem do corpo feminino é naturalizada como erotizada ou objetificada.

cultural”, cunhado por Horkheimer e Adorno, nos é caro para pensarmos a influência social e do mercado no cinema e a partir dele.

Universo Cinematográfico Marvel

Filme Marvel	Ano de Lançamento	Direção
Homem de Ferro 1	2008	Jon Favreau
O incrível Hulk	2008	Louis Leterrier
Homem de Ferro 2	2010	Jon Favreau
Thor	2011	Kenneth Branagh
Capitão América: O primeiro Vingador	2011	Joe Johnston
Os Vingadores	2012	Joss Whedon
Homem de Ferro 3	2013	Shane Black
Thor: Mundo Sombrio	2013	Alan Taylor
Capitão América 2: O soldado invernal	2014	Anthony e Joe Russo
Guardiões da Galáxia	2014	James Gunn
Vingadores: Era de Ultron	2015	Joss Whedon
Homem-Formiga	2015	Peyton Reed
Capitão América: Guerra Civil	2016	Anthony e Joe Russo
Doutor Estranho	2016	Scott Derrickson
Guardiões da Galáxia Vol. 2	2017	James Gunn
Homem-Aranha: De volta ao lar	2017	Jon Watts
Thor: Ragnarok	2017	Taika Waititi
Pantera Negra	2018	Ryan Coogler
Vingadores: Guerra infinita	2018	Anthony e Joe Russo

Homem-Formiga e a Vespa	2018	Peyton Reed
Capitã Marvel	2019	Anna Boden e Ryan Fleck
Vingadores (sem título definido)	2019	Anthony e Joe Russo
Homem-Aranha (sem título definido)	2019	
Guardiões da Galáxia Vol. 3	2020	James Gunn
Série Marvel Netflix	Ano de Lançamento (temporada)	Direção
Demolidor	2015; 2016	Steven DeKnight Doug Petrie e Marco Ramirez
Jessica Jones	2015	Melissa Rosenberg
Luke Cage	2016; 2018	Cheo Hodari Coker
Punho de Ferro	2017	Scott Buck Raven Metzner
Os Defensores	2017	Marco Ramirez
O Justiceiro	2017	Steve Lightfoot

Universo Estendido DC

Filme DC	Ano de Lançamento	Direção
O Homem de aço	2013	Zack Snyder
Batman vs. Superman: A origem da Justiça	2016	Zack Snyder
Esquadrão Suicida	2016	David Ayer
Mulher-Maravilha	2017	Patty Jenkins
Liga da Justiça	2017	Zack Snyder/ Joss Whedon
Aquaman	2018	Jamen Wan
Shazam	2019	David Sandberg

Mulher-Maravilha 2	2019	Patty Jenkins
Cyborg	2020	
Tropa dos Lanternas Verdes	2020	

Uma das principais características do gênero cinema de super-heróis é a de os filmes serem adaptações de histórias em quadrinhos, mas não são cópias, muitas delas constroem novas narrativas, novas relações. As histórias em quadrinhos da chamada Nova Marvel desdobram as histórias de heróis consolidados com as de novas heroínas, escolha editorial importante para pensarmos sobre como outras feminilidades estão sendo destacadas nas HQ's mais atuais. Como os filmes, as histórias em quadrinhos aparecem aqui como produtos culturais, focarei a análise inicialmente nos arcos da Nova Marvel e Renascimento DC, com a cientista Jane Foster, que se torna a nova Thor, Miss Marvel, que é agora uma heroína adolescente e muçulmana da Marvel, Os Vingadores, com um grupo de heróis e heroínas renovado e Mulher-Maravilha Renascimento. Proponho a comparação entre HQs produzidas por homens e por mulheres (como filmes dirigidos por diretores e diretoras).

Paralelamente aos conteúdos dos filmes e histórias em quadrinhos, faço a escolha metodológica que extrapolar suas narrativas internas e refletir sobre suas influências, constituições sociais e público, a partir do acompanhamento de produções críticas de determinados sites especializados e páginas de redes sociais: *Minas Nerds*, *Collant*, *Delirium Nerd*, *Nó de oito*, *Nerdivinas*, *Universo HQ*, *Lady's Comics*, *Garotas Geek*, *Bitch Pop*, *Judão*, *Valkirias* e *Preta*, *Nerd & Burning Hell*.

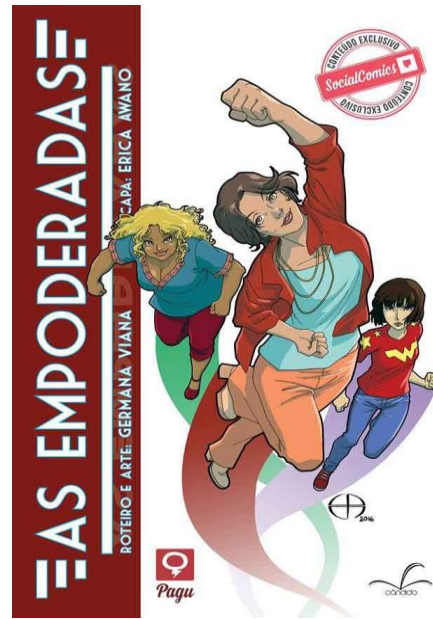
Como quarto elemento do circuito do objeto de pesquisa, apresento quadrinhos nacionais de super-heroínas produzidos por brasileiras, contrapontuando as produções hegemônicas da Marvel e da DC Comics. Penso aqui HQ como “ferramenta feminista, experimental e acessível” (CHUTE, 2010). São quatro títulos de quadrinhos do selo Pagu Comics, voltado à publicação de HQs feitas apenas por artistas mulheres, que oferecem algo comum ao universo dos super-heróis e super-heroínas da Marvel ou DC: constituem um universo compartilhado. O que uma mulher negra, desempregada, mãe de duas filhas, uma adolescente descendente de orientais e lésbica; e uma “quarentona”, “baladeira” e rica, poderiam ter em comum? *As Empoderadas* é uma série de quadrinhos criada por Germana



Viana, conta a história destas três mulheres que ganham superpoderes após um estranho fenômeno solar em São Paulo e resolvem se tornar justiceiras. A quadrinista aproveita um gênero comum, quadrinhos de super-herói, para desvencilhar a história de conceitos machistas e trazer situações de empoderamento e contestação de modelos de feminilidade, como na sua outra série de HQ, *Lizzie Bordello e as Piratas do Espaço*, publicada pela Jambô Editora. Em 2017, série *As Empoderadas* ganhou o 29º Troféu HQ Mix na categoria "melhor web quadrinho". O segundo título da Pagu Comics é *Haole*, com roteiro de Milena Azevedo, Chairim Arrais e Sueli Mendes, a misteriosa Irene vive uma jornada que envolve, entre outras coisas, viagens a um universo paralelo inspirado em *Alice no País das Maravilhas*. Ela chega a Natal/RN, sem que as pessoas saibam nada a seu respeito, mas aos poucos descobrimos que a jovem negra perdeu parte da perna em um ataque de tubarão. Por isso, além de ter que lidar com as responsabilidades de um novo emprego, novos amigos e uma iguana que vira seu animal de estimação, Irene também precisa aprender a lidar com seus próprios monstros. *D.A.D.A.* tem roteiro de Roberta Araujo. Essa história se passa no futuro, depois que um apocalipse enviou a Terra para uma era sem tecnologia. Nesse cenário árido e violento, quatro mulheres negras, com poderes de suas orixás, tentarão proteger o que restou da humanidade. *Quimera* é o título mais recente da Pagu, lançado em janeiro de 2017. Roteiro de Cris Peter. A primeira capa foi feita por Bilquis Evely, artista brasileira que assina a arte da fase atual da Mulher-Maravilha na DC, com Greg Rucka. Em *Quimera*, que se passa no RS o evento misterioso que atingiu *As Empoderadas* tem suas implicações no sul do país. É a primeira vez que fica claro que existe um universo compartilhado e que os seus efeitos não se limitam à São Paulo. Nessa história turbulenta, duas mulheres, cujas vidas acabam se intercalando, precisam encontrar maneiras de lidar com problemas sobrenaturais.

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br
www.generoesexualidade.com.br



Capa da ed. 1 da HQ *As empoderadas*, do selo Pagu Comics

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 13). Este “tornar-se” apontado por Beauvoir envolve diversos elementos culturais e performances que constroem feminilidades, assim como masculinidades, já que “ser homem” também é “tornar-se homem”. O que não implica que não haja um modelo de masculinidade e um modelo de feminilidade cristalizado, compartilhado e formatado. Mas ambos são apenas um tipos ideais, pois não existem de fato em sua total. Filmes e histórias em quadrinhos são trabalhados nesta pesquisa como dispositivos, produtos culturais com impacto social, que constroem gênero através de imaginários.

Heroínas, como Mulher-Maravilha, são personagens empoderadas e ícones feministas, e, ao mesmo tempo, reforços de certas perspectivas machistas, possivelmente por causa do contexto quase inteiramente masculino da indústria em que estão inseridas. Esta ambiguidade norteia diversas produções aqui analisadas, uma contradição que desperta o interesse como pesquisadora. Empoderam mulheres invertendo um modelo de feminilidade associado à fragilidade, mas são marcadas em suas construções como objeto e prazer visual, como por exemplo a Viúva Negra da Marvel.

Grande parte da literatura específica sobre cinema e histórias em quadrinhos encontrada neste projeto é advinda da área da Comunicação Social, falta para a Sociologia trabalhos que se debrucem neste objeto e reflita sobre estas construções de super-heróis e super-heroínas, que vêm ganhando cada vez mais importância e público. A Sociologia do Cinema costuma fixar-se na análise interna

do filme-objeto, metodologicamente esta não é a escolha desta pesquisa, abordando de forma mais “cosmológica” as construções internas aos filmes e a partir deles. O código visual e da narrativa direciona o conteúdo a ser tratado, entretanto, quando nos deparamos com produções da contemporâneas e temos como objetivo compreender modelos de gênero que se constroem nestas representações, as relações contextuais e até mesmo estéticas exigem uma representação da informação que deve ir além da discussão interna à obra. Por isso elementos intrínsecos e extrínsecos são combinados na análise, pensando não apenas na estética, mas também aspectos culturais, sociais e metalinguísticos. São discursos diversos que constituem um circuito metodológico de análise, pensando em construções de gênero, como também de sexualidade, raça, classe e geração.

Em sua dissertação, Cunha (2016) compara duas super-heroínas, Mulher Pantera e Mulher Maravilha, analisando estas representações femininas e procurando rupturas com o discurso patriarcal no interior das contraditórias narrativas. Tarpé Mills (1912-1988), por meio de um texto que delinea o perfil de uma personagem independente e de uma ilustração que coaduna com o estilo de arte que alinha a mulher aos estereótipos de beleza e sensualidade difundidos à época, constrói uma super-heroína e personagens secundárias marcadas pelas ideias de ruptura e continuidade com os discursos patriarcais. William Moutan Marston (1893-1947) criou, no âmbito do texto, uma super-heroína feminista que serviria como novo modelo às mulheres, mas o caso da Mulher Pantera, a ilustração seguia em afinidade com a ideia de promoção do prazer visual do corpo feminino para os personagens e para os leitores, especialmente para leitores homens e heterossexuais, como destaca a pesquisadora. Boff (2014) trata também das representações de protagonistas femininas em quadrinhos, enfatizando concepções identitárias distintas, abordando estas construções a partir da perspectiva de autores masculinos e a partir da perspectiva de autoras mulheres e transgênero, mostrando que grande parte das narrativas oscila entre criticar, debochar e apoiar uma ideia de feminino.

A noção de gênero como algo performativo, tal como proposto por Butler, aponta para o reconhecimento do sujeito a partir de seus agenciamentos, afastando a ideia de uma masculinidade ou feminilidade essencial, lida com identidade construída pela experiência e não por práticas reguladoras. É possível desnaturalizar representações reforçadas pelos dispositivos herói e heroína. Como lembra M. Douglas (2012), o comportamento é definido por padrões culturais de comportamento,

portanto, é preciso compreender estes discursos culturais. Strathern (2006) aponta o gênero como marcação da diferença simbólica, destacando a observação das relações em seus contextos específicos e a capacidade com isso de inverter os pontos de vista pré-estabelecidos. A partir destas autoras e também de Foucault, podemos pensar a fixidez e fluidez tradicional modelo de masculinidade e de feminilidade e discursos que o mantêm. Como M. Douglas afirma, as identidades fazem parte do complexo sistema de significações de sentido. Mas como a linguagem é volátil, os significantes da masculinidade e feminilidade se relacionam, confundem e geram outros significantes. Não há masculinidade, mas sim, masculinidades (LÉON, 2014), assim como não há feminilidade, e sim feminilidades.

Referências:

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: os factos e os mitos*. Lisboa, Quetzal Editores, 2009.

BOFF, Ediliane de Oliveira. *De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos*. 2014. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.27.2014.tde-20052014-123753.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução: Renato Aguiar, 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação social*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHUTE, Hillary L. *Grafic women: life narrative and contemporary comics*. Nova Iorque, Columbia University Press, 2010.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. *A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha*. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Tradução: Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto, 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, 1988.

LÉON, Adriano de. *O CAC faz você dançar: uma etnografia das performances*



masculinas no bairro do Rangel em João Pessoa-PB. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014.

MENEZES, Paulo R. A. “Cinema: imagem e interpretação”. *Tempo Social*, São Paulo, v.8, n.2, out. 1996.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Unicamp, Campinas, 2006.